



INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO HOSPITAL MÁRIO PENNA E DAS UNIDADES DA FUNDAÇÃO MÁRIO PENNA:
Superintendência Geral, Hospital Mário Penna, Hospital Luxemburgo, Lar Célia Janotti, Lar Januário Carneiro, Central de Doações e Central de Telemarketing

RESPONSABILIDADE SOCIAL E DEDICAÇÃO:

União de esforços de médicos, enfermeiros e demais profissionais de saúde, Conselhos, funcionários, voluntários e doadores, garante tratamento de excelência e chance real de vida nos hospitais, lares e unidades da Fundação!

A manchete acima pode parecer descomunal para um informativo. No entanto, apenas expressa a mais pura verdade e, por isso, a sua razão de ser.

É o que pode ser comprovado nesta edição do **Jornal da Fundação Mário Penna**, rica em depoimentos de pacientes, familiares e pessoas envolvidas no gratificante trabalho de salvar vidas. Algumas frases são de uma singeleza que emociona, como a de dona Maria das Graças, uma das novas hóspedes do **Lar Célia Janotti**: *“Se todos achassem um lugar igual a este, ninguém era perdido no mundo”*.

Vale a pena conhecer o ideal que se transformou em realidade - relatos de uma entrevista com o presidente licenciado do

Conselho Curador da Fundação, Osmânio Pereira de Oliveira. Como ele, o presidente em exercício, José Miguel Martini, demonstra a importância da força da fé. O superintendente-geral Paulo Afonso de Miranda mostra, em seu artigo, um apanhado do muito que está sendo não apenas feito, mas exemplarmente bem-feito.

Três páginas desta edição são dedicadas a João Baptista de Resende Alves. Uma narra a sua decisiva importância para que uma entidade inicialmente apenas caritativa se transformasse na atuante instituição de agora. Outras duas páginas contêm a íntegra de um artigo sobre medicina que o Mestre escreveu há 31 anos,

mas que, apesar do tempo transcorrido, é absolutamente atual.

E é o atual presidente da **Fundação**, Cássio Eduardo Rosa Resende, quem apresenta um firme depoimento da austeridade que impera em todas as unidades, graças à qual **Mário Penna** é sinônimo de eficiência e excelência em saúde, assistência social, pesquisa e educação.

Este número do **Jornal** simplesmente atesta que os milhares de doadores e voluntários devem e podem se orgulhar de participar de um trabalho sério e vencedor, não apenas um arauto, mas um verdadeiro executor do bem.

Tem alguns assuntos que ninguém quer tratar.

Nós tratamos sem medo.

Ajude a salvar vidas.

Fale com a Central de Telemarketing da Fundação Mário Penna:

(31) 3218-4200

PRESIDENTE EM EXERCÍCIO DO CONSELHO CURADOR DA FUNDAÇÃO MÁRIO PENNA E DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO HOSPITAL MÁRIO PENNA
José Miguel Martini

PRESIDENTE LICENCIADO DO CONSELHO CURADOR DA FUNDAÇÃO MÁRIO PENNA
Osmânio Pereira de Oliveira



PRESIDENTE
Cássio Eduardo Rosa Resende

VICE-PRESIDENTE
Padre João de Deus Dantas

SUPERINTENDENTE GERAL E ADMINISTRATIVO
Paulo Afonso de Miranda

SUPERINTENDENTE FINANCEIRA
Simone Maria Libânio Rocha e Silva

DIRETOR-GERAL DO HOSPITAL MÁRIO PENNA – Mário Gissoni Carvalho

DIRETOR-GERAL DO HOSPITAL LUXEMBURGO – Italo Freitas Guimarães

SUPERVISOR DAS UNIDADES DE APOIO – Hélio Martins de Paula

COORDENADORA DO LAR CÉLIA JANOTTI – Simone Penna Neves

COORDENADORA DO LAR JANUÁRIO CARNEIRO – Maria do Carmo Souza Lima

COORDENADORA DA CENTRAL DE DOAÇÕES – Nilma Aparecida Izidoro

CONSELHO CURADOR PERMANENTE DA FUNDAÇÃO MÁRIO PENNA

Antônio de Castro Almeida
Carlos Alberto Penna Rodrigues de Carvalho
Édison Zenóbio
Élio de Freitas França
Geraldo Magela Pinto Garcia
Hélio Areas
José Ângelo Nogueira
Luiz Alfredo Meyer Pires
Osmânio Pereira de Oliveira
Padre João de Deus Dantas
Romero Teixeira Niquini
Santiago Ballesteros Filho

CONSELHO CURADOR TEMPORÁRIO DA FUNDAÇÃO MÁRIO PENNA

Ary do Nascimento
Cyro Moraes da Franca

CONSELHO CURADOR FISCAL EFETIVO DA FUNDAÇÃO MÁRIO PENNA

Beatriz Alves Ferraz

CONSELHO CURADOR FISCAL SUPLENTE DA FUNDAÇÃO MÁRIO PENNA

José Maurício Silveira Vaz de Melo
Lair Ayres de Lima
Miguel Aburachid

CONSELHO CURADOR PERMANENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO HOSPITAL MÁRIO PENNA

Carlos Alberto Penna Rodrigues de Carvalho
Carlos Eduardo Ferreira
Cyro Moraes da Franca
José Ângelo Nogueira
José Pedro Guimarães Guerra
Osmânio Pereira de Oliveira
Ozânio Pimenta Silveira

CONSELHO CURADOR TEMPORÁRIO DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO HOSPITAL MÁRIO PENNA

Antônio de Castro Almeida
Ary do Nascimento
Beatriz Alves Ferraz

Carlos Alberto Jardim Baroni de Castro
Darlene Silva Triginelli
Élio de Freitas França
Lúcio Souza Assumpção
Luiz Alfredo Meyer Pires
Ozânio Pimenta Silveira

CONSELHO CURADOR FISCAL EFETIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO HOSPITAL MÁRIO PENNA

Geraldo Nogueira Duarte
Lair Ayres de Lima
Lúcio Souza Assumpção
Miguel Aburachid

CONSELHO CURADOR FISCAL SUPLENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO HOSPITAL MÁRIO PENNA

Ana Maria Inácio da Silva Camargo Barros
José Maurício Silveira Vaz de Melo
Waldete Nunes Feitosa

CONSELHO ÉTICO DA FUNDAÇÃO MÁRIO PENNA

Aloísio de Carvalho Novaes
Edjael Marcos Faustino dos Santos
Marcelo Matte

Padre Danilo Mamede Campos Rodrigues
Waldete Nunes Feitosa

CONSELHO DE BENEMÉRITOS

Ana Maria Inácio da Silva Camargo Barros
Antônio de Castro Almeida
Carlos Alberto Jardim Baroni de Castro
Geraldo Nogueira Duarte
Hélio Fraga
Lúcio Souza Assumpção
Mária Flora Penna
Petrônio Alves Furtado

Há 34 anos nos dedicamos a cuidar dos cancerosos carentes. Sabemos que o drama vivido por uma família ao descobrir que um dos seus tem essa doença é tão grande a ponto de desestruturar a todos. Na maioria dos casos, além de ter que conviver com a doença, muitos não dispõem minimamente de recursos e meios para o seu tratamento.

Temos ao longo de todo este tempo ajudado a milhares de pessoas e houve casos inclusive em que o único meio que dispunham era o nome do **Hospital Mário Penna**. Tudo isso, porém, só se tornou possível graças a sua generosidade. Graças a Deus e a você temos ampliado a capacidade de atendimentos.

Hoje, porém, queremos falar a respeito de um outro mal que atinge a toda humanidade. Para esse mal os remédios homeopáticos e alopáticos não produzem efeito positivo, pois não se trata de um mal físico, mas de um mal espiritual. O pecado tem endurecido o coração do homem, a ponto de torná-lo insensível diante do sofrimento do seu semelhante. Se os remédios ordinários não conseguem curar esse mal, há um extraordinário gratuitamente distribuído para todos os que quiserem. “Vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10B). O único modo de termos vida em abundância é estarmos mergulhados no amor, porque o amor é a fonte da própria vida. São João na sua primeira epístola define “Deus é amor” (I Jo 4,8B), portanto, se o pecado é a negação do amor, o remédio para esse mal só pode ser Jesus, a plena manifestação do amor.

Por isso queremos agradecer a você, doador, que com sua contribuição expressa o verdadeiro amor de Deus e nos possibilita, cada dia mais, ampliar nossa capacidade de atendimento. Pedimos a Deus que te abençoe e a toda sua família e lhe recompense pela sua generosidade. Pois o próprio Jesus afirma que nem mesmo um copo d’água dado por amor a Ele ficará sem recompensa.

Deus te abençoe!



Artigo do presidente do Conselho Curador da Fundação Mário Penna e da Associação dos Amigos do Mário Penna, deputado estadual José Miguel Martini

JORNAL DA FUNDAÇÃO MÁRIO PENNA
EDITOR GERAL E REDATOR

Sergio Prates

COLABORAÇÃO

Daniel Arthur (AD.C) e Thiago Xavier (Marketing FMP)

Rua Dias Adorno, 367, 6º andar, Santo Agostinho, CEP 30190-100
Belo Horizonte - Minas Gerais • Fone (31) 3330-9100 • Fax (31) 3330-9145
E-mail: imprensa@mariopenna.org.br • Internet: www.mariopenna.org.br

Impresso na Fumarc Gráfica e Editora • Tiragem desta edição: 166 mil exemplares

UM IDEAL QUE SE TRANSFORMOU EM REALIDADE

Relatos de uma entrevista com Osmânio Pereira de Oliveira

Fazendo questão de extravasar o seu sentimento de missão cumprida e demonstrando muita fé religiosa, o presidente licenciado do **Conselho Curador da Fundação Mário Penna**, Osmânio Pereira de Oliveira, não esconde sua emoção ao comentar a primeira vez em que ouviu falar do **Hospital Mário Penna**.

Ele lembra que foi por volta de 1968/69, quando tinha vindo da Bahia para estudar direito em Belo Horizonte. Fez amizade com uma moça e numa das visitas à família dela, na rua Pouso Alegre, conheceu Célia Janotti, que morava no mesmo prédio. Figura humana notável (*sobre a qual nosso Jornal fará ampla reportagem numa das próximas edições*), Célia era paraplégica, movia-se graças ao auxílio de uma perna mecânica e - pior do que isso - sofria as dores atroz de uma doença terrível que lhe consumia o corpo: o câncer.

Mas, ao invés de lastimar, se preocupava mais com os outros que padeciam do mesmo mal do que com ela própria. Mesmo sendo de origem humilde, angariava remédios para ajudar a quantos fosse possível e, se não conseguisse a quantidade necessária, deixava ela mesma de tomar seus medicamentos para dá-los a outra pessoa. Solidário, Osmânio passou a dividir o seu tempo entre estudar na PUC e em ajudar Célia e o grupo que ela liderava - familiares, amigos, médicos e sacerdotes - a obter remédios para distribuir.

Quando Célia Janotti faleceu, Osmânio e alguns companheiros foram levar os medicamentos que ela ainda tinha em estoque para os internos do **Hospital Mário Penna**, então de propriedade da Secretaria Estadual de Saúde. Foi a primeira vez que foi até lá e se deparou com uma situação terrível: pacientes em condições deploráveis, apenas à espera da morte, sendo considerados um problema social e não médico: *"Os médicos só iam lá para assinar atestados de óbito, raramente sequer prescreviam um medicamento. Em síntese, a cultura médica da época era de que não se devia gastar dinheiro com quem ia mesmo morrer logo"*.

Certamente por isso, as pessoas que o Estado tirava do Hospital Borges da Costa e da Santa Casa e mandava, em um velho jipe, para o **Mário Penna** sempre choravam: sabiam que iam para a *"câmara da morte"*.

Osmânio, ao lado de outros resolutos defensores da dignidade e da vida humana, resolveu ir à luta. Criou um *"livro de ouro"*, modalidade em voga naqueles tempos, para conseguir, em primeiro lugar, uma ambulância. Não apenas para apanhar doentes e levá-los para o **Mário Penna**, mas, principalmente, para servir de meio de transporte decente para que pacientes pudessem ir até um hospital que dispusesse de serviço de radioterapia e receber tratamento.

Em 1971, o mesmo grupo criou a **Associação dos Amigos do Hospital Mário Penna**, que teve Osmânio como seu primeiro presidente.

Logo, a **Associação** conseguiu que jovens estudantes de medicina passassem a dar apoio aos internos do **Mário Penna**.

Em 1974 surgiu a figura do Dr. João Baptista Resende Alves (*leia matérias a seu respeito nesta edição*). Ao ver aqueles jovens se esforçando tanto para ajudar os cancerosos, foi logo dizendo - *"Meninos, o que vocês estão fazendo aqui?"*. E passou a orientá-los para que tivessem maior eficiência em seus esforços: - *"Em primeiro lugar, precisamos de um bloco cirúrgico..."* E lá se foram os jovens azulejar até o teto uma pequena sala administrativa. Como não havia instrumentos, Dr. João não pensou duas vezes: foi até seu consultório, fez uma *"trouxa"* com todo o seu instrumental particular e



levou tudo para o **Mário Penna**, onde, com alguns de seus alunos, começou a operar e a salvar vidas.

Aquela época, jovem bacharel em direito, Osmânio tinha um escritório na rua dos Caetés. Lá fez o seu *"QG"* para arregimentar recursos para o **Mário Penna**. O professor e tributarista Élon de Miranda aliou-se à causa. Depois, o comendador José Thales, diretor do Banco de Crédito Real, abriu uma conta corrente para que pessoas caridosas pudessem contribuir com a **Associação** que, em 1975, conseguiu o seu primeiro espaço próprio, uma sala no Edifício Mesbla.

O Dr. João, então já dedicando todo o seu tempo ao **Mário Penna**, alertou para a necessidade imediata de dobrar a capacidade do local, que deixava de ser um depósito de espera da morte para se transformar num verdadeiro hospital. Como não havia recursos, a solução encontrada foi a de pedir - e conseguir - que detentos da Penitenciária de Neves com bom comportamento viessem a Belo Horizonte, de ônibus, para trabalhar como pedreiros, carpinteiros, bombeiros, etc. e ajudassem na construção.

Pouco tempo depois, ao lado de Osmânio, o Dr. João Resende Alves foi ao encontro do prefeito Oswaldo Pierucetti e conseguiu a doação de um terreno para a construção do Instituto Mineiro de Oncologia (o atual **Hospital Luxemburgo**).

Em 1990, com o objetivo de obter a defesa da saúde no Congresso Nacional, Osmânio resolveu entrar na política e tentar o cargo de deputado federal. Com o apoio dos que reconheciam seu trabalho no **Mário Penna** e também na Renovação Carismática Católica (*foi o fundador do primeiro grupo da Renovação em Belo Horizonte*), acabou eleito com 35 mil votos. Hoje está em seu quarto mandato consecutivo, sempre aumentando sua votação: 45 mil, 65 mil e 103 mil.

Sobre a Renovação Carismática Católica há um episódio que marcou Osmânio: no seu segundo encontro com o Papa João Paulo II (*foram seis no total, graças ao fato de ser, também, coordenador nacional da Renovação e diretor no escritório mundial em Roma, representando o Brasil*) entregou ao Santo Padre um documentário completo sobre a **Associação dos Amigos do Hospital Mário Penna**. E recebeu, em troca, a Benção Apostólica para a Instituição.

O deputado federal Osmânio Pereira de Oliveira tem histórias e mais histórias para contar sobre a **Associação**, da qual, além de fundador, foi presidente até pouco tempo. Agora, inclusive licenciado de outra presidência - a do **Conselho Curador da Fundação Mário Penna** - continua trabalhando para a Instituição junto aos poderes executivos federal, estadual e municipal. Com seu prestígio parlamentar, obteve, por exemplo, recursos da Divisão Nacional do Câncer (*integralmente pagos, a duras penas, graças a milhares de pequenas contribuições de doadores*) para a construção do **Hospital Luxemburgo**.

Sobre a atualidade e o futuro ele é realista: *"A obra está sendo consolidada institucional, financeira e administrativamente, com a atual geração de dirigentes; e a transformação da Associação em Fundação dará mais condições de êxito, além de assegurar o velamento do Ministério Público. Hoje, o Mário Penna é referência em diagnóstico e tratamento, avança em pesquisas e inicia promissora ação em ensino"* (o campus universitário implantado em parceria com a Unincor no **Hospital Luxemburgo**).

Para terminar, sentencia:

"Todos que ajudaram e ajudam o Mário Penna tem seu mérito, mas esta não é uma obra de homens, que são apenas operários de Deus. Essa é uma obra de Deus!".

Célia Janotti, uma vida de dedicação aos necessitados



NÚCLEOS REGIONAIS DE VOLUNTÁRIAS DE PREVENÇÃO E COMBATE AO CÂNCER DO HOSPITAL MÁRIO PENNA

CIDADE	ENDEREÇO	CEP	TELEFONE	RESPONSÁVEL
ALMENARA	Rua Barbosa, 58 - Centro	39900-000	(33) 3721.4133	Maria Eliza Cordeiro Pinto
BARBACENA	Av. Jaime do Riego Macedo, 56, sala 5	36200-000	(32)9105-8140	Júlio César de Andrade
BETIM	Rua Rio Branco, 154 - PTB	36265-060	(31)3592-5038	Níssia Chaves de Castro
BOM DESPACHO	Praça Santa Ângela, 10 - Santa Ângela	35600-000	(37)3521-1170	Fátima Brás
BRÁS PIRES	Rua A, Quadra C, 208 - Nunes Cardoso	36542-000	(32)3534-1197	Maria Torentina Araújo Leite
CAMPO BELO	Av. São João, 234 - Centro	37270-000	(35)3831-1855	Vilma Alvarenga Brasil
CANDEIAS	Av. 17 de Dezembro, 76	37280-000	(35)3833-1259	Marilza Lima Resende
CAPITÓLIO	Rua Dr. Avelino de Lueiros, 330	37930-000	(37)3373-1020	Maria Aparecida Vilela
CARATINGA	Av. João Caetano do Nascimento, 25	35300-104	(33)3321-2822	Leila Silveira
CLÁUDIO	Rua Maranhão, 130-B - Valongo	35530-000	(37)3381-1761	Elenice Maria dos Santos Chaves
CRISTAIS	Av. Joaquim Luis da Costa Maia, 342 - Centro	37275-000	(35)3835-1261	Maria das Graças Maia
CURVELO	Rua Xavier Rolim, 33 - Centro	35790-000	(38)3271-2882	Lenita de Paula Gasbarro
DIAMANTINA	Rua Espírito Santo, 301 - Centro	39100-000	(38)3531-1130	Maria Nazareth Dias Baracho
DORES DO INDAIÁ	Rua Cornélio Caetano, 361	35610-000	(37)3551-1614	Waldete Pinto Coelho
IBERTIOGA	Rua Padre Ibraim, s/nº, Arcão	36225-000	(32)3367-1117	Evaristo Carvalho Araújo de Paula
ITAOBIM	Rua Dirceu Gomes Soares, 98 - Centro	39625-000	(33)3734-2359	Denair Andrade Ferraz
ITAÚNA	Rua Cassiano Dornas, 49	35680-000	(37)3241-2870	Lígia K. de Faria
JOAÍMA	Praça Olinto Martins, 120 - Centro	39890-000	(33)3745-1217	Elza Barbuda Grapiuna
JOÃO MONLEVADE	Rua Campo Belo, 219 - Laranjeiras	35930-380	(31)3851-5700	Maria José de Carvalho
LAGOA DA PRATA	Rua Luiz Guadalupe, 300, sala 17	35590-000	(31)3261-1173	Viviane Bernardes Araújo
MANHUAÇU	Av. Getúlio Vargas, 630 - Coqueiros	36900-000	(33)3331-8080	Niogercyna Sette de Aguiar
MATIPÓ	Rua Caetano Lourenço Dias, s/nº, Exposição	35367-000	(31)3873-2222	Maria Dulce Campelo D'Ávila
OURO BRANCO	Rua da Santa Olímpia, 188 - Siderúrgica	36420-000	(31)3742-3741	Geraldo Fautão Silva
PEDRA AZUL	Av. Joaquim Antunes, 122 - Centro	39970-000	(31)3751-1211	Sara Abrantes Bonfim
PEDRA DO INDAIÁ	Av. Primeiro de Março, 760 - Centro	35565-000		Ana Elízia Teixeira de Andrade
PIRAPORA	Rua Sete Lagoas, 1.611 - Industrial	39270-000	(38)3741-1252	José Gonçalves Moreira
RAUL SOARES	Av. Governador Valadares, 190	35350-000	(33)3351-1649	Célio David Nesce
RIO PIRACICABA	Rua Ana Ubaldina, 20 - Centro	35940-000	(31)3854-1430	José de Freitas Agora
STO. ANT. DO MONTE	Rua Américo Portella, 438 - Centro	35560-000	(37)3281-1594	Afonsina Resende Oliveira
SÃO JOÃO DEL REI	Rua Sargento Orlando Ranoli, 64 - Centro	36300-000	(32)3371-3082	Neuza Dinolli do Nascimento
SETE LAGOAS	Rua Eduardo Alves Ferreira, 40 - Jardim Amélia	35700-173	(31)3771-8800	Eusa Mércia Araújo Drummond
TEÓFILO OTONI	Rua João Lopes da Silva, 925 - Manoel Pimenta	39800-000	(33)3522-3498	Neuza Guedes Carneiro
URUCÂNIA	Rua João Paulo II, 6	35380-000	(31)3876-1075	Antonio Cupertino de Araújo

UNIDADES DA CAPITAL

SUPERINTENDÊNCIA GERAL	Rua Dias Adorno, 367, 6º andar - Santo Agostinho	30.190-100	(31) 3330-9100
HOSPITAL MÁRIO PENNA	Av. Churchill, 232 - Santa Efigênia	30.260-080	(31) 3489-6600
HOSPITAL LUXEMBURGO	Rua Gentios, 1.350 - Luxemburgo	30.380-090	(31) 3299-9000
CENTRAL DE DOAÇÕES	Av. Churchill, 232 - Santa Efigênia	30.260-080	(31) 3466-7956
LAR CÉLIA JANOTTI	Rua dos Timbiras, 853 - Funcionários	30.140-060	(31) 3224-7102
LAR DA CRIANÇA JANUÁRIO CARNEIRO	Rua Plombagina, 346 - Floresta	30.110-090	(31) 3422-1336
CENTRAL DE TELEMARKETING	Rua dos Guajajaras, 48 - Centro	30.180-100	(31) 3218-4260

GRANDES PERSONALIDADES DA FUNDAÇÃO MÁRIO PENNA

Quem foi João Baptista de Resende Alves

O professor João Baptista (com o “p” mudo do português escorrito da época) de Resende Alves nasceu em 24 de junho de 1907, em Cocuruto, distrito da pequena comunidade de Entre Rios de Minas, filho de Manoel Affonso - gerente do único armazém que vendia roupas para os moradores da região -, e de dona Celina, que morreu de pneumonia quando ele tinha seis anos. Sem ter como ficar com o pai foi morar com uma avó, numa fazenda próxima. Nas redondezas existia a Escola Rural Pedra Branca, onde cursou o primário.

Para iniciar o ginásio, teve que ir para São João Del Rei e estudar no Colégio Santo Antônio. Pouco tempo depois, obteve transferência para a Academia de Comércio de Juiz de Fora, onde se formou em 1925, ganhando o prêmio “Baptista de Oliveira”, conferido ao melhor aluno da turma.

No ano seguinte, ingressou na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. Durante o curso, trabalhou como auxiliar de almoxarife da Diretoria Geral dos Correios. Em 24 de outubro de 1931, aos 24 anos de idade, recebeu o diploma de médico.

Procurando aumentar seus conhecimentos, dedicou todo o tempo possível a cursos da área médica e trabalhos como interno em hospitais. Nos períodos de férias, por exemplo, freqüentava o “Serviço do Professor Alfredo Monteiro”, da área cirúrgica.

Logo após concluir a Faculdade, voltou para a sua terra natal, onde permaneceu até julho de 1935 como cirurgião do Hospital Cassiano Campolina. Deixou o cargo para assumir, em Belo Horizonte, as funções de chefe da clínica cirúrgica e vice-diretor do Hospital São Francisco de Assis, atividades que exerceu até 1949.

Incansável, prosseguiu sua carreira na capital mineira com uma sucessão de êxitos. Na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi professor de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, chefe da enfermagem de Técnica Operatória, chefe do Departamento de Cirurgia e fundador e orientador do Curso de Pós Graduação em Cirurgia Geral. Seu extenso currículo inclui cargos como assistente da Clínica Cirúrgica de Mulheres da Santa Casa, vice-diretor do Hospital da Cruz Vermelha, diretor do Hospital Borges da Costa, diretor clínico do Hospital Mário Penna e diretor técnico da Associação dos Amigos do Hospital Mário Penna.

Presidiu ou participou como conferencista de inúmeros congressos e simpósios - muitos deles nacionais. Publicou mais de 150 trabalhos, incluindo o extraordinário “Cirurgia Geral e Especializada”, em oito volumes. Também ficou conhecido por acompanhar de perto os últimos dias de vida do presidente eleito Tancredo Neves, morto em 1985.



O criador do Centro de Memória de Medicina de Minas Gerais, professor João Amílcar Salgado, em depoimento à sua Entidade sobre João Baptista de Resende Alves, depois de acentuar “que bela biografia desfruta este extraordinário médico”, relata: “... vai para a Universidade, conquista a cátedra disputada por notáveis cirurgiões brasileiros, e nela cria uma constelação de discípulos disseminados por todo o País, figurando assim como um dos pioneiros da pós-graduação cirúrgica no Brasil. Não contente ainda realiza a maior obra de atenção oncológica de Minas Gerais”.

Sob o título “Exemplo de médico, cidadão e homem”, a colunista Anna Marina, na edição de cinco de março de 1997 do jornal Estado de Minas, narra um encontro que teve com João Baptista de Resende Alves: “... mais do que médico, é a imagem que vem a todas as mentes quando se pensa em canceroso pobre. Seu rosto magro, descarnado, sua figura alta, fina, pode perfeitamente retratar um Dom Quixote dos tempos modernos que, em lugar de lutar contra moinhos de vento, dedicou sua vida a uma luta mais objetiva: acudir o canceroso pobre, livrando-o da insensibilidade, da falta de respeito institucional”.

A colunista cita que a sua ação à frente do Borges da Costa, então conhecido como Hospital do Câncer, o credenciou para consertar um outro “pepino público”, o Hospital Mário

Penna: “... quando o Dr. João chegou lá, é claro que encontrou um novo caos. Abandonado à própria sorte, com 24 doentes internados (dos quais mais da metade não sofria de câncer) o Mário Penna era um depósito de doente terminal, entregue a um corpo de funcionários que incluía um porteiro doido, que vivia de porrete na mão, uma farmácia que vendia tóxicos e um estuprador”.

Foi João Baptista de Resende Alves quem conseguiu que o hospital tivesse seus primeiros leitos “decentes”, com as despesas sendo cobertas por entidades diversas. Foi ele quem iniciou uma ação médica permanente na Instituição que, naquela época, dispunha apenas de três médicos do Estado, que raramente apareciam. Foi ele quem conseguiu junto ao prefeito Oswaldo Pierucetti um terreno para a construção de um verdadeiro hospital - não mais um deprimente “depósito”. Foi ele quem deu o maior exemplo de esforço e dedicação na bela história da Instituição, repleta de lutas e constantes conquistas, como as que estão sendo relatadas nas edições do **Jornal da Fundação Mário Penna**. Foi ele

quem endossou e garantiu a operacionalização da proposta do recém-formado bacharel em direito Osmânio Pereira de Oliveira (atual presidente licenciado da Associação dos Amigos do Hospital Mário Penna e da Fundação Mário Penna) e dos bancários Geraldo Ferreira e Tales Nascimento para que a Associação criada em 1971 - apenas caritativa -, se transformasse em uma entidade realmente atuante para trabalhar pelo Mário Penna e seus sofridos pacientes.

O Dr. João Baptista de Resende Alves foi casado com a senhora Maria do Carmo Ribeiro Alves, com quem teve oito filhos. Em 24 de setembro de 2002, aos 95 anos, ele saiu da vida para entrar na história. Pouco mais de dois anos antes, no dia 29 de junho de 2000, não podendo comparecer a uma homenagem da Associação dos Amigos do Hospital Mário Penna, escreveu de próprio punho uma mensagem em que dizia que dedicava a honraria a todos que “encharcados dos sentimentos de confraternidade e solidariedade, se excedem para mitigar o sofrimento dos pacientes indigentes”. Frisou que esses abnegados “praticam, acima da espinhosa missão de lutar pela vida alheia, a Bondade”. E sentenciou: “O exercício da Bondade foi e deverá ser sempre o norte dessa Instituição”.

Que assim seja!

MENSAGEM DO MESTRE

Íntegra do artigo “Mensagem”, de João Baptista de Resende Alves, publicado originalmente em São Paulo, no último trimestre de 1974, pelo “Cadernos de Cirurgia” nº 4

No princípio os seres viviam em pacífica harmonia. Os homens predominavam na escala de valores e entre eles não havia barreiras, que impedissem um entendimento mútuo, leal e completo. Uma catástrofe, que admito como o pecado original, fez baixar uma cortina entre o consciente e o subconsciente e os homens, de cristalinos que eram, tornaram-se opacos e nunca mais se entenderam. Tornaram-se orgulhosos, violentos, presunçosos, cometendo os crimes mais odiosos. Dos agrupamentos desespirtualizados surgiram tiranos que se julgavam deuses, formavam grandes impérios que se combatiam em lutas exterminadoras.

No meio das trágicas contendidas, lutando também para sobreviver, só os semitas eram monoteístas, embora, na prática, como era costume, não se comportassem humanamente para com os vencidos. Carregavam, entretanto, acesa a tocha dum consciência moral que influenciava na formação de leis e códigos de vivência, condicionadas a uma Superestrutura Espiritual Imutável.

A força da espiritualidade, aos poucos, direta ou indiretamente, como um dom de graça, atingia homens mentalmente superdotados como Sócrates (468-400 AC) cujo escopo de sua sistemática pedagógica era a educação dos instintos do homem e não adotava a filosofia naturalista reinante. Seu objeto filosófico era o homem; como Platão (439-347 AC), cujos princípios filosóficos, muitas vezes se aproximavam dos ideais cristãos que haviam de vir; como Aristóteles (384-322 AC), considerado a maior inteligência de todos os tempos. Os dois últimos chegaram ao conhecimento da existência de Deus e difundiram seus pensamentos pela escrita e pela palavra.

Nesta fase histórica da humanidade, nasceu Hipócrates no ano 400 AC. Homem de conhecimentos filosóficos, de sensibilidade, espírito de observação e de intuição científica admiráveis, codificou uma série de princípios morais para o exercício da profissão médica que se condensou em forma de compromisso moral e, depois juramento, que tem sido repetido milhões de vezes durante vinte e quatro séculos.

O mundo amadurecia, à sombra das insondáveis e misteriosas intenções de Deus, até surgir o grande reformador na pessoa de Cristo,

para pregar a salvação dos homens na eternidade e dar-lhes normas de comportamento com as quais pudessem se entender, vivendo em perfeita harmonia, se as observassem e as seguissem com fiel e sincera determinação. Foi a única e verdadeira revolução social conhecida pela humanidade.

Elevou todas as categorias humanas à mesma dignidade perante Deus e ensinou que a verdadeira sabedoria está em servir, e não em ser servido, e que a caridade, como amor espiritual e transcendente ao próximo, remove todos os obstáculos e aplaina diferenças sociais, permitindo uma convivência saudável entre as classes. Grande parte dos homens crucificou e crucifica o Pacificador, repeliu e repele os princípios que elevaram e dignificaram a humanidade, porque estes princípios exigem que não se faça aos outros, o que não deseja que se lhes faça.

A revolução impunha regras que modificaram comportamentos pessoais estratificados. Era a revolução do homem, para criar uma humanidade reformada, composta de seres distintos e conscientes e não uma massa de indivíduos amorfos, inconscientes, obrigados a conviver em promíscuas e desiguais categorias, à força de leis compulsórias e armas mortíferas. Nunca deixarão de existir as classes humanas, mas o homem tem que ser distinguido, como uma pessoa de pendores diferentes, com direitos e deveres iguais, por mais modestas e limitadas que sejam suas atividades sociais.

Hipócrates abriu a nova era da medicina. Estabeleceu normas de observação e diagnóstico, de avaliação terapêutica e de conduta ética com relação ao doente. E como suporte para a moral médica ele invoca a presença dos deuses como testemunhas, pois representavam seres incorruptíveis e ligados aos homens que podiam zelar para que a promessa fosse corretamente cumprida. As causas contingentes, sejam leis, classes, poderes, dinheiro, força de governos, não são parâmetros para se estabelecerem princípios de conduta para o homem. Só a consciência moral, inspirada num Ser Perfeito, pode conduzir o homem aos bons caminhos, com normas e preceitos elevados.

O cristianismo adotou o juramento de Hipócrates com restrição e, segundo Bernardes de Oliveira, lê-se no manuscrito Urbinas Graecus 64,

da Biblioteca Apostólica Vaticano, localizado entre os séculos X e XI: “Texto do Juramento Hipocrático” que pode ser jurado pelos cristãos. É lógico que não se podia permitir que jurasse pelos deuses. O que pretendo insistir é que sem Deus, chegamos forçosamente à mesma conclusão de Ivan Karamasov, “Se Deus não existe, tudo é permitido”.

O homem de hoje, que se deixou possuir pelos valores materiais, e que está convencido de que é necessário destruir a idéia de Deus para que a humanidade seja feliz, está repetindo os mesmos argumentos do demônio no seu encontro com Ivan Karamasov.

O materialismo militante, estimulado pelo avanço científico indiscutível de nossa época, ensoberbeciu o homem de tal maneira que ele já se acha amadurecido e onipotente, mas ao mesmo tempo já presente a catástrofe. No número especial de “L’Express” – Dez. 1974, há uma análise do relatório apresentado ao Clube de Roma, no seminário de Berlim e que será publicado com o título de “Mankind at the Turning Point”. O intróito deste número, que merece ser lido, termina dizendo: “As crises existem desde a noite dos tempos e o homem sempre pode superá-las. Então, porque se inquietar? Porque, tudo indica que, desta vez, as crises da nossa época não se resolverão por si mesmas”. Encoraja-nos, entretanto, com uma frase de Holderlin, no rodapé da capa da revista “C’est quand le danger est le plus grand que le salut est le plus proche”.

Estou de acordo com este pensamento, digo amém, e mais ainda com o de Frei Mateus Rocha quando termina “O Tormento de Deus”: seja qual for a direção a que nos conduzem os nossos passos de peregrinos do Absoluto: Ele surge sempre adiante de nós e nos guarda cheio de amor. E, se realmente tivermos crescido, nós o encontraremos também maior. Por isso, podemos suportar sem desfalecimentos a noite provisória em que nos mergulham “os eclipses de Deus” e esperar que, no ateísmo moderno, esteja sendo preparada, misteriosamente, uma nova floração da fé.

Quando Deus tarda, já está no caminho. Com estas curtas reflexões chegamos ao ponto que interfere com a medicina. O médico cuida da pessoa humana, que só é dignificada num sistema filosófico transcendente e metafísico e, como ele faz parte dum comunidade planetária (pois o mundo hoje é

pequeno) que está atordoada e sofrendo psíquica e mentalmente, seu dever é cultivar não só a especialidade médica que exerce, mas voltar sua atenção e guardar alguns momentos para estudar as ciências que pesquisam o homem. Marcel Légaut em "L'homme à la recherche de son humanité" diz no capítulo, quando se refere ao homem criador: "Ao contrário um sábio ou um técnico pode ser eminente na sua classe e não ter transposto a adolescência ou ter se tornado infantil em certos domínios da vida".

Sempre preguei, como professor, a necessidade de estudo da psicologia, da primeira à última série do curso médico. De que vale saber muito bem um determinado ramo da medicina e não ter formação humanística suficiente para se pôr em perfeita sintonização com seus clientes? De um jovem que faz estudos de aperfeiçoamento em país estrangeiro de velhas tradições culturais ouvi: "Adoeci certa vez. Fui tratado tecnicamente, como se fosse máquina. Interrogatório técnico e minucioso. – Exame detalhado – Exames complementares excelentes. Receita. Nenhum calor humano". O que está ocorrendo é que já está chegando, ou já chegou entre nós, a relação do médico empregado e doente empregador, ao invés de comunicabilidade de consciência, confiança e entendimento.

Bernardes de Oliveira, em seu excelente artigo sobre o "Juramento Hipocrático", narra as observações de Platão, referentes aos dois tipos de médicos da antiga Grécia. "O médico dos escravos prescreve segundo sua simples experiência, como se possuísse conhecimentos exatos; e quando dá ordens procede como um tirano, expulsa os escravos doentes para evitar ao dono da casa a sobrecarga de presença dos inválidos. Porém, o outro médico, homem livre, atende e exerce a medicina com os homens livres: conduz suas indagações perante o doente e seus familiares para informar-se e vai, por sua vez, orientando o paciente até onde possível, e não prescreve enquanto não tenha conquistado a confiança do doente de modo a encaminhá-lo para a almejada cura".

Principalmente depois do cristianismo, o homem deixou de ser coisa e portanto merece respeito em qualquer situação. Milhares de gerações vêm acumulando erros decorrentes do desconhecimento do homem. Seus governantes transformaram o mundo num tabuleiro de xadrez e os homens foram movidos como peão, cavalo e torre. Puseram a rainha (humanidade) em cheque e agora não sabem como defendê-la, embora há muitos séculos muitos se levantaram contra a ação desumana que estava renascendo (ver Avila S. J.). Nenhum de nós se pode eximir do que está acontecendo, porque direta ou indiretamente, todos contribuímos com nossa quota de erros. A classe médica, pelo prestígio que ainda goza, embora ultimamente bem criticada, pode-se unir no mundo inteiro, sem paixão ideológica de qualquer natureza e contribuir para solucionar problemas que afligem a humanidade.

Como se poderia fazer? Não transgredir o juramento de exercer a profissão com elevado espírito humanitário. Exercer a medicina educando e ensinando tudo o que é nobre e útil à vida do próximo. Não se isolar em casta ou classe, mas levar em conta que somos privilegiados e que, direta ou indiretamente, mesmo o homem mais humilde contribuiu para nossa formação. Os que tiverem pendores políticos, contribuirão com seus conhecimentos, ajudando os governantes e legisladores. Servir de denominador comum entre todas as classes, doando um pouco de si mesmo, pois o médico penetra nos palácios e nas choupanas. Não ironizar ou combater o espírito religioso de seus pacientes. Não destruir nada que não possa ser cabalmente substituído para melhor. Fortificar-se espiritualmente para amparar a humanidade sofredora, pois o médico luta diariamente contra a morte. O inimigo é poderoso e vence irremediavelmente no que diz respeito à matéria corruptiva, mas perde sempre pelos atos nobres que os médicos praticam, edificando as almas, que se sentem amparadas e não se desesperam.

Só os idealistas correspondem às exigências e às responsabilidades com que a medicina sobrecarrega os seus membros. O cultivo da paciência, que no dizer de S. Jerônimo "é a virtude dos fortes", é indispensável para ouvir atenciosamente, diariamente, durante anos, a enfiada de dores físicas e queixas morais.

Mesmo os que não são religiosos ou que se dizem ateus não deixam de doar um pouco de si mesmos, desinteressadamente, quando animados por um idealismo vocacional sadio – há exemplos, aos milhares, de desprendimentos desta casta de colegas, exercendo a medicina como sacerdotes. A medicina é uma profissão diferente e a ligação recíproca entre paciente e médico tem tanta força, que quase sempre os transformam em amigos para o resto da vida. A medicina é mais do que um meio de ganhar a subsistência; é uma religião, pois quem a pratica com devoção sente-se gratificado, mesmo quando não remunerado materialmente, pela reintegração à vida ativa e feliz de um membro da comunidade.

Atendendo indistintamente os homens, com competência e dedicação, o médico granjeia muitos amigos e indiretamente, por sugestões e ajuda de clientes gratos, pode conseguir patrimônio que lhe permita ter velhice tranqüila. Só a profissão não enriquece ninguém. O fundamental na prática da medicina é que o doente sinta que o médico está interessado em restabelecer-lhe a saúde e o bem estar e não nos seus haveres. Todo médico sabe que não há dinheiro que lhe recompense os sobressaltos, as preocupações e decepções, vigílias, dissabores e incompreensões. Refrear os impulsos de ganância, impaciência e raiva faz parte da educação médica.

A ação benfazeja do médico não se restringe aos limites anatômicos dos pacientes. Ela se amplia –

alcança a família e abrange toda comunidade social. Restabelece a saúde do doente e tranqüiliza a família. Como coexistem sempre o bem e o mal, compete ao médico, que se preze, repelir todas as formas do mal evidente ou mascarado. Não pode subscrever, nem defender filosofias materialistas do primado econômico. Ambas, capitalista e comunista, estrangulam a pessoa que é objeto de atenção do médico e ambas desobedecem as leis naturais, como hoje se vê claramente, e rompem o equilíbrio do mundo. O desrespeito às leis naturais traz conseqüências imediatas e futuras. Segundo Carrel em "O Homem perante a Vida": a virtude tem um caráter obrigatório, porque outra coisa ela não é senão a submissão às leis fundamentais da vida.

À classe médica, enredada no encadeamento dos acontecimentos políticos, filosóficos e religiosos da nossa época, compete alertar a todas as autoridades para o mal que o desenvolvimento e o crescimento desordenados estão acarretando a todo nosso mundo. O único desenvolvimento que não tem fim é o aperfeiçoamento das virtudes da alma. O desgaste acelerado, das coisas da natureza, que estavam em perfeito equilíbrio dinâmico, pela interferência anárquica da maquinaria sofisticada que a ciência tem proporcionado, levará à destruição de tudo e de todos. O avanço catastrófico sócio-econômico que avassalou o mundo, infeccionou muitos membros da classe médica na corrida aloucada da destruição dos seres vivos e inanimados, que compõem nossa terra tão rica e tão bela.

Durante nossa vida temos falado e escrito sobre cirurgia.

Diante do pálido esboço que apresentamos das distorções sobre a personalidade humana e do desapareço com que se enquadra novamente o homem entre os brutos, acredito justificar a mensagem, que é um testemunho da nossa conduta e acho que – "não se pode fazer com o homem o que se faz com o lobo". Sabemos que a medicina que se pratica e o meio em que é exercida são muito diferentes daqueles da era de Hipócrates, mas o homem subsiste o mesmo, lutando para se aperfeiçoar. Tomou um caminho errado e está meio angustiado, porque só agora está começando a vislumbrar que só o aperfeiçoamento do espírito é interminável.

Os que não rompem a barreira da matéria transitória andam aterrados e inseguros diante de perspectivas imprevisíveis.

Agradecemos à direção de "Cadernos de Cirurgia" a homenagem inesperada e generosa que nos foi conferida e, ao ensejo do evento, eu me permito conclamar todos os colegas da classe médica, que voltem seus pensamentos corajosamente para o espírito e juntos contribuiremos para a sobrevivência da liberdade e da dignidade da raça humana, – dentro da linha espiritualista da Medicina de Hipócrates.